



Renúncia de Cavaco, vitória eleitoral do PS de Guterres e CDS a tornar-se Partido Popular

1995

Sou pela portugalidade e pelo personalismo social-democrata
(Fernando Nogueira, o sucessor de Cavaco Silva na liderança do PSD)

A instrução de um povo não pode ser aquilatada pelo número dos bacharéis formados que as ordens religiosas ou os institutos oficiais derramam em cada ano sobre a massa da população, para o fim de a explorarem pela chicana jurídica ou de a embaírem pelo palavrão dogmático ou metafísico

(Ramalho Ortigão em 1882)

● **Windows 95** – No ano da morte de Miguel Torga, quando é lançado o *software* do *Windows 95* (24 de Agosto) e se realiza uma cimeira entre Clinton e Ieltsine em Moscovo (10 de Maio), entra em vigor a Convenção de Schengen. Jacques Chirac torna-se presidente francês, Javier Solana é nomeado secretário-geral da NATO (05-12-1995), e Áustria, Finlândia e Suécia aderem à União Europeia (01-01-1995), quando a nova comissão, presidida por Jacques Santer, é aprovada pelo Parlamento Europeu (19-01-1995). Bill Clinton funda o *Democratic Leadership Council* visando eliminar o esquerdismo liberal que domina os democratas desde 1972, procurando recentrar o partido na classe média. Defende assim os *novos democratas*, tal como Blair defende o *new labour*. Entretanto, chega a Lisboa um novo embaixador espanhol, Raul Morodo, professor na Universidade Complutense, amigo político de Mário Soares e antigo militante do Partido Socialista Popular de Tierno Galván, que participara no Congresso Republicano de Aveiro de 1969. Um seu filho acabará por casar-se com uma filha de Manuel Dias Loureiro e entrará em íntimas relações políticas com Adriano Moreira.

● **Fim do cavaquismo e do soarismo** – No ano de 1995 também acaba o ciclo do cavaquismo e do soarismo. Ao governo vai ascender o PS, liderado por António Guterres que, nas eleições, vence com relativa facilidade o candidato do PSD, Fernando Nogueira, enquanto Pedro Santana Lopes, iniciando uma profícu travessia no deserto político-partidário aceita a missão de se tornar presidente do clube de futebol Sporting Clube de Portugal, apoiado pelo aristocrata empresário José Roquete. Na presidência, coloca-se Jorge Sampaio que consegue fazer o pleno do *povo de esquerda*, vencendo Cavaco Silva. Depois da *onda laranja*, o país passa, assim, a ser gerido pelo *cor-de-rosa*. Os irmãos-inimigos sucedem-se numa espécie de rotativismo. O subsistema político-partidário deixa de ter o peso institucional de outrora. No PSD, depois da liderança transitória de Fernando Nogueira, sobe ao poder Marcelo Rebelo de Sousa. No CDS, depois do breve abandono de Paulo Portas, que vai fazer um intervalo como professor da Universidade Moderna, Manuel Monteiro sucede a Manuel Monteiro. No PCP continua Carlos Carvalhas. Mário Soares, depois de abandonar a presidência transforma-se numa espécie de *guru* do regime, passando a comentador de programas

sobre a história do século, antes de lançar uma fundação destinada fundamentalmente ao revisionismo histórico, para onde mobiliza o ex-maoísta Fernando Rosas. O país, definitivamente entrado no ciclo do consumismo, visita supermercados onde compra produtos espanhóis. Nos últimos anos do século, Portugal, conquistado o armistício constitucional e a estabilidade política, ao mesmo tempo que a sociedade de consumo se torna regra, assume-se como uma entidade *sui generis*. Pela memória, ajuda a constituir uma CPLP; pelo futuro, assume o europeísmo na sua plenitude. O seu ritmo histórico passa a ser pautado pelos modelos da globalização. Começa a também notar-se a quebra demográfica, devido à infecundidade pessoal e familiar e a ingovernabilidade do *Welfare State* torna-se patente. Entretanto, o jornal *Tal & Qual*, depois de uma investigação inédita, indica como membros da maçonaria, integrantes do GOL, Fernando Reino, José de Medeiros Ferreira, Aquilino Ribeiro Machado, Vasco franco, José Lamego e Carlos Monjardino, enquanto se tornam públicos outros activistas maçónicos, através da Grande Loja Regular de Portugal, como José João Zoio, Francisco Moita Flores, Sanches Osório, José Vacondeus, Nicolau Breyner e José Cordeiro Pereira.

● **Desordem internacional** – Em tempo de *desordem internacional* (Bertrand Badie), quando muitos se preocupam teoricamente com o cerco da democracia pela corrupção (Donatella Della) e pela *tiranía da maioria* (Lani Guinier), Francis Fukuyama procura a *confiança (trust)* como fundamento do político e regressa a ideia *radical*, como algo que está para além da esquerda e da direita (Anthony Giddens), em tempo de comunitarismo (Amitai Etzioni) e de *neoconservatives* (Mark Gerson e Irving Kristol), quando Kenichi Ohmae fala no *fim do Estado* e na emergência da *economia regional*. Acabada a *guerra fria*, quando todos falam em *globalização*, Eric J. Hobsbawm caracteriza o período posterior a 1914, como a *age of extremes*. Boaventura Sousa Santos edita *Towards a New Common Sense*, Francisco Lucas Pires reflecte sobre *Portugal e o Futuro da União Europeia* e Almerindo Lessa deixa-nos *No Tempo do Meu Espaço, no Espaço do Meu Tempo*.

● **Renúncia de Cavaco Silva** que anuncia não se recandidatar à presidência do PSD, não aceitando, consequentemente, a indignação como Primeiro-Ministro (23 de Janeiro).

● **Fernando Nogueira** vence o Congresso do PSD, derrotando José Manuel Durão Barroso por 33 votos. Pedro Santana Lopes fica em terceiro lugar (dias 17 a 19 de Fevereiro). Os dois últimos não-de ser efectivamente os primeiros e o vencedor há-de sair derrotado. O debate é pobre, sem ideias, mas com muitas tricas de corredores. Nogueira canta a “portugalidade” e o “personalismo social-democrata”, num programático estudantil que quase soa a falsete. Barroso, confuciano, é sinicamente esfíngico, no alto do pedestal de uma imagem de ministro dos estrangeiros de Portugal. Os dois são equilibristas e demonstram que não-de ser sempre o que a conjuntura neles provocar. A terceira-via de Pedro Santana Lopes não é melhor nas ideias, apesar de magistral no *bluff*. Entre mil e tal delegados, Nogueira ganha com cerca de três dezenas de votos de diferença. Se

Mota Amaral logo reclama os quarenta votos dos delegados açorianos, fica nos ouvidos de todos a tirada do nortenho Luís Filipe Meneses que chama aos não-nogueiristas *sulistas, elitistas e liberais*, lapso que o faz voltar a casa antes das urnas abrirem. Dizendo em voz alta o que gosta de pensar até repete o maurrasiano *em política o que parece, é*. Mais uma vez, mil e tal iniciados ditam os partidocratas que em nós todos vão mandar. Desses poucos que falam em nome de todos, nesta democracia assim partidocrata, onde se misturam certos mais ricos com alguns mais expeditos. A crise de representação passa assim pelo Coliseu, nome de circo, *pátio de cantigas*, onde todos proclamam, na linha de Cavaco que é preciso mais país, que primeiro está o país e que só depois está o partido. Na prática a teoria tende sempre a ser outra e até o partido vem sempre depois da carreira pessoal.

● **Socialistas**. Jorge Sampaio anuncia a respectiva candidatura a Presidente da República, na Reitoria da Universidade de

Lisboa, reavivando a memória da sua luta como líder estudantil nos anos sessenta (7 de Fevereiro de 1995). Encerram os Estados Gerais do PS no Coliseu dos Recreios em Lisboa (11 de Março).

●**Populares.** Manuel Monteiro vence Congresso do CDS que passa a designar-se Partido Popular. Apoio do grupo de Paulo Portas, considerado o inspirador da mudança, alterando-se a tradicional política europeia do partido (12 de Fevereiro de 1995).

●**Mais sinais de nevoeiro** – Assembleia da República aprova legislação sobre a transparência do rendimento dos políticos (7 de Julho). Surgem sinais de ataques de militantes *skinheads* nas noites de Lisboa e no Centro e Norte do país, há algumas milícias populares contra traficantes de droga (Junho). Entra em vigor o espaço Schengen, a que adere Portugal. É abolido o controlo de fronteiras entre sete Estados Membros da União Europeia (24 de Março). D. Duarte, duque de Bragança, casa com D. Isabel Herédia no mosteiro dos Jerónimos (13 de Maio). José Saramago vence o Prémio Camões, enquanto o Prémio Pessoa é atribuído a Vasco da Graça Moura.

PS 112 (43,7%)	250 dep.	PSD 88 (34,12 %)
PCP/PEV 15 (8,57%)		CDS 15 (9,05%)

●**Eleição nº 72** (1 de Outubro de 1995). Eleição da Assembleia da República. 8 906 608 eleitores. 5 904 854 votantes. PS: 112 deputados, 43, 76%;. PPD/PSD: 88 deputados, 34, 12%. CDS/PP: 15 deputados, 9,05%. PCP/PEV: 15 deputados, 8, 57%. Socialistas ficam a quatro deputados da maioria absoluta. Nova alternância do poder, com o Partido Socialista, já liderado por António Guterres, a vencer o PSD, entretanto liderado por Fernando Nogueira.

●**Governo nº 121 de António Manuel de Oliveira Guterres** (28 de Outubro). XIII Governo Constitucional Cavaco Silva que, no dia 10, anuncia a respectiva candidatura a Presidente da República, desmaia na cerimónia de tomada de posse do sucessor. O novo governo socialista é marcado pela falhada promessa do *no jobs for the boys*, enquanto Cavaco Silva mantém a respectiva candidatura à presidência da República, contra a do socialista Jorge Sampaio. Guterres anuncia o propósito de concretização de duas intenções programáticas apresentadas ao eleitorado, a regionalização e a modificação do sistema eleitoral. Cairão no inferno do adiamento.

●**Outros ministros:** António Vitorino (presidência e defesa nacional), Jorge Coelho (adjunto), Sousa Franco (finanças), Jaime Gama (estrangeiros), Alberto Costa (administração interna), João Cravinho (planeamento e administração do território), Vera Jardim (justiça), Daniel Bessa (economia, indústria, comércio e turismo), Gomes da Silva (agricultura, desenvolvimento rural e pescas), Eduardo Marçal Grilo (educação), Maria de Belém Roseira (saúde), Maria João Rodrigues (qualificação e emprego, até 25 de Novembro de 1997), Eduardo Ferro Rodrigues (solidariedade e segurança social),



Elisa Ferreira (ambiente), Manuel Maria Carrilho² (cultura), José Mariano Gago (ciência e tecnologia), António Costa (assuntos parlamentares).

●**Henrique Costantino**, nomeado ministro do equipamento social, faleceu em 27 de Dezembro, sucedendo-lhe Luís Francisco Murteira Nabo, até 12 de Janeiro de 1996, quando é substituído por João Cravinho.

●**Rosado Correia**, grão-mestre do Grande Oriente Lusitano, protesta junto de Guterres contra a predominância dos católicos no governo (Outubro). No entanto, segundo fontes bem informadas, haveria cerca de dezena e meia de irmãos nos altos cargos governamentais, com destaque para Fausto Correia, dos poucos membros do governo que revelou a sua filiação no GOL:

● **A década cavaquista**, marcada por uma democrática personalização do poder e por uma oligárquica instituição do chamado *Estado-Laranja*, chega ao fim. Entre 17 de Maio de 1985 e 19 de Fevereiro de 1995, sob o signo do cavaquismo, há dez anos de estabilidade política, dez anos de adesão à Europa, dez anos de *Estado Laranja*. Assim se encerra um ciclo político pós-revolucionário, onde Cavaco esteve para o 25 de Abril, como Napoleão para 1789 e De Gaulle para a *Libération* de 1945. Primeiro, é a ilusão revolucionária da paz, da liberdade e do pão. Depois, a ilusão cavaquista do crescimento e do sucesso, do betão no chão, de todos podermos ser, à maneira da nova nobreza republicana, *sôtor* ou *engenheiro*. Mas o PSD, em regime de complexo condicionado, tenta, naturalmente, a continuação do cavaquismo sem Cavaco, tal como o PS tenta o soarismo sem Soares, enquanto Cavaco e Soares continuam os *ausentes-presentes* da política portuguesa. Chegam assim os tempos de interregno, com Soares em Belém e com Cavaco a preparar-se para se candidatar a Belém. Chegam os tempos das lideranças fracas e, no plano das ideias, reina o confusãoismo, com os socialistas a enrodilharem-se em estados gerais, com o CDS a assumir-se como uma alternativa cada vez mais poujadista e cada vez mais anti-europeia e onde muitos, de forma galhofeira, alvitram a hipótese de um governo de coligação entre Emídio Rangel e Paulo Portas, sob a presidência de Francisco Pinto Balsemão. Nogueira é um vazio de *quid* anímico e mobilizador, dotado do cinzentismo típico dos *números dois* e enredado em certo complexo de esquerda. O PS apresenta interessantes projectos sobre a moralização da política, mas faltam-lhe as asas das ideias, onde a tentação da esquerda, o leva a lançar-se nas avenidas do desencanto.

📖 Ortigão, Ramalho (*Farpas*, VI): 139. Neste ano de 1995 publicámos *A Procura da República Universal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1995 (separata de *Estudos em Homenagem ao Professor Adriano Moreira*. Lisboa, ISCSP, 1995, vol. I, pp. 207-228) e *O Ocaso do Império Soviético*, artigo publicado no volume 23 da *Enciclopédia Verbo* (pp. 321-358), bem como *A República Europeia, a Liberdade Nacional e o Princípio da Subsidiariedade*, 17 de Janeiro de 1995, originariamente intitulado *Comentários ao Acompanhamento Parlamentar da Revisão do Tratado da União Europeia na Conferência Intergovernamental de 1996*, Lisboa, Assembleia da República, Comissão dos Assuntos Europeus, Lisboa, 1995, pp. 103 ss e *A Autonomia das Regiões como Forma de Reforço da Liberdade Nacional*, intervenção no I Congresso da Autonomia dos Açores, promovido pela Universidade dos Açores, em 23 de Fevereiro de 1995 Ponta Delgada, *Jornal de Cultura*, 1995 (pp. 109-140). Proferimos também as seguintes conferências: *A Europa à Procura de Projecto. As Liberdades Nacionais face aos desafios da União Europeia*, comunicação à Academia Internacional da Cultura Portuguesa, em 21 de Abril de 1995; *Os Conflitos Internacionais e a Informação*, introdução ao debate promovido pelo Ministério da Defesa, Lisboa, Centro Cultural de Belém, em 2 de Maio de 1995; *Dez Reflexões sobre Ser Europeu em Portugal*, intervenção nas Jornadas de Relações Internacionais do ISCSP, em 16 de Novembro de 1995; e *A Justiça e o Mal-Estar do Estado de Bem-Estar. Ou a Questão da Solidariedade Social e da Responsabilidade Individual*, intervenção nas Jornadas de Administração Hospitalar da Escola Nacional de Saúde Pública, em 6 de Dezembro de 1995.